

### **José Cláudio Alves de Oliveira**

*Natural de Vitória da Conquista, na Bahia, Brasil, é graduado em Museologia pela Universidade Federal da Bahia (1993), Comunicação Social Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia (1991), e História pela Universidade Católica do Salvador (1989), mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal da Bahia (1995) e doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia (2004). Atualmente é adjunto 1 da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Cibercultura e folkcomunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: cibercultura, comunicação, documentação, ex-votos e museologia. Foi Professor da UCSal, FIB e UNEB. É coordenador e pesquisador do Projeto Ex-votos do Brasil e bolsista do CNPq. Orienta bolsistas do PIBIC-CNPq-UFBA e do Sistema Permanecer-UFBA. Membro do Comitê Interno do PIBIC-FAPESBb-Faculdade Social. Coordenador do Colegiado do Curso de Museologia da UFBA.*

# MUSEUS E SALAS DE MILAGRES: DOIS SISTEMAS, UM OBJETO\*

José Cláudio Alves de Oliveira

## Resumo

Este trabalho apresenta os ex-votos do Santuário do Nosso Senhor Bom Jesus do Bomfim, em Salvador, Bahia. Em seu conteúdo, além de um breve histórico sobre este que é um dos mais visitados santuários do Brasil, está a importância do objeto ex-votivo enquanto patrimônio cultural, significativo para a crença católica, para os estudos da história social, que revela as atitudes do homem diante do medo, da alegria, riqueza, conquistas e derrotas, são informações que o rico objeto ex-votivo traz ao mundo. O artigo enfoca dois espaços diferenciados que apresentam os ex-votos: a sala de milagres e o museu, ambos com aspectos divergentes que recaem na visita, nos olhares e no ritmo comunicacional sobre os ex-votos, fruto do processo da informação que circulam em ambos os espaços, diferenciados por duas culturas, a erudita e a popular, documentadas pelo museólogo em dois diferentes ângulos.

**Palavras-chave:** Museu, Sala de Milagres, Documentação, Sistema

## **Abstract**

This work presents the ex-votos of the Sanctuary of Senhor Bom Jesus do Bomfim, in Salvador, Bahia. In its content, beyond a historical briefing on that one is of the most visited sanctuaries of Brazil, it is the importance of the ex-votivo object while cultural, significant patrimony for the belief catholic, the studies of the social history, that ahead discloses the attitudes of the man of the fear, of the joy, wealth, conquests and defeats, is information that the rich ex-votivo object brings to the world. The article focuses two differentiated spaces that present the ex-votos: the room of miracles and the museum, both with divergent aspects that fall again into the visit, the looks and the comunicacional rhythm on the ex-votos, fruit of the process of the information that circulate in both the spaces, differentiated for two cultures, the scholar and the popular one, registered by the museologist in two different angles.

**Keywords:** Museum, Room of Miracles, Documentation, System

*\* Texto produzido para o Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola. Universidade do Porto, Porto, Portugal, de 12 a 14 de Outubro de 2009.*

Poderíamos iniciar este texto falando de ricos ambientes como o Santuário de Aparecida ou Penha do Rio de Janeiro, ambos com salas de milagres e museus juntos, ou até mesmo o espaço do Horto, em Juazeiro do Norte, no Ceará, que possui uma sala de milagres com organização que se aproxima a um museu. Todos no Brasil. Mas preferimos um espaço mais antigo, cujo museu se mostra mais tradicional, e sua sala mais contida em relação aos locais sagrados de Juazeiro do Norte e da imensa sala de milagres de Aparecida. Falaremos então do Santuário do Bom Jesus do Bomfim, situado na freguesia de Nossa Senhora da Penha de Itapagipe, onde há uma divisão, no sul, fazendo fronteira com a freguesia de Santo Antônio além do Carmo; pelo Leste com a Nossa Senhora de Brotas; e tem pelo Norte com a de São Bartolomeu de Pirajá. O núcleo é exatamente a filial da freguesia de Nossa Senhora da Penha: a igreja do Senhor Bom Jesus do Bomfim, que também faz limites com as igrejas dos Mares, da Boa Viagem e de Montserrat.

### **Senhor do Bomfim: devoção e festa**

Em 1745, viajando para a província da Bahia, e sofrendo durante a sua viagem avariações em sua nau, o Capitão Teodósio Rodrigues de Farias, devoto ao Senhor do Bomfim de Setúbal, fez a promessa de que, chegando a salvo à cidade de Salvador, construiria uma igreja num local alto aonde as pessoas que chegassem pelo mar, da Baía de Todos os Santos, pudessem avistar o templo. Certamente um local estratégico e aprazível. Daí, então, ser escolhido a colina de Montserrat, onde hoje está situada a igreja, hoje devocionalmente aclamada pelo soteropolitano como “Colina Sagrada”. (v. fig. 1) O referido templo levou nove anos para ser construído, e por isso só em 1754 deu-se a introdução da imagem que durante este período ficara recolhida no palácio arquiépiscopal de veraneio onde se denomina Igreja da Penha em Itapagipe (Igreja de Nossa Senhora do Rosário do Pópulo da Penha de França de Itapagipe de Baixo e Nosso Senhor Crucificado). (CARVALHO, 1914)

A origem de toda história do Bomfim está em Setúbal, Portugal. Foi lá que a imagem do Bom Jesus foi encontrada, e a partir do achado, a necessidade de dar a ela um “bom fim”. Daí a explicação para a escrita do “bomfim” com “m”. Ficou então o nome do templo e da imagem, que tem um bom fim (a igreja) e que por isso tornou-se Senhor Bom Jesus do Bom Fim de Setúbal. São dois “emes”, ao contrário do que é escrito em muitos lugares. São dois “emes” o Bomfim de Setúbal e o da “Colina Sagrada” de Salvador, que tem seu ideal ex-votivo de Portugal para o Brasil por um certo marinheiro, que para muitos não passou de pirata, mas que, depois de tormentos em alto-mar, invocou o santo de Setúbal e prometeu-o edificar um templo em um lugar na cidade de São Salvador. (CARVALHO FILHO, 1923)

A imagem do Bom Jesus ficou na Penha de Itapagipe até sua transladação em 24 de junho de 1754. Como à época a administração do Bomfim não era autônoma a difusão de ex-votos deu-se na Penha. Segundo a direção do museu, apenas a imagem foi preservada, todos os ex-votos dos anos 1745 a 1754 se perderam.



*Fig. 1. Vista da igreja do Bomfim  
Foto: Silvia Regina Santana, 2008.  
Projeto Ex-votos do Brasil.*

A devoção da referida imagem viu-se acentuando gradativamente, isso porque o próprio relacionamento de seu fundador com a sociedade fizera com que as classes mais abastadas da época, que passaram a visitá-la todas as sextas-feiras sem contanto deixar de enviar seus escravos para, na quinta-feira, fazerem a lavagem da igreja. Sabe-se que o dia de sexta-feira se referencia a Nosso Senhor do Bomfim que no hibridismo religioso africano quer dizer Oxalá.

O cortejo da lavagem tem o seu itinerário sempre a partir da Conceição da Praia, entretanto é bom que se ressalte que de início o mesmo era feito por via marítima, os barcos ancoravam até o alto da colina. Mais tarde, com o aterro da parte da cidade baixa a viagem passou a ser feita por bondes de burros e carroças, até que foi construída Avenida Jequitaia, e com o advento do bonde elétrico, tornou-se mais viável e rápido o percurso.

## Os ex-votos

Em um dicionário encontramos o seguinte verbete: “Quadro, imagem, inscrição ou órgão de cera ou madeira etc. que se oferece e se expõe numa igreja ou numa capela em comemoração a um voto ou promessa cumprida”. (FERREIRA, 1975)

De forma geral as enciclopédias trazem as seguintes conclusões: a de que se coloca numa igreja, numa capela etc., oferenda entregue após um voto formulado e atendido pelos deuses, nos tempos do paganismo, a Deus, a virgem Maria e aos Santos, na vigência do cristianismo, em ocasiões de angústias, doença mortal, perigo de morte dos animais domésticos e semelhantes.

Constata-se que, tanto nos dicionários como as enciclopédias, os ex-votos são objetos depositados em templos, após a graça ou o pedido alcançado. Mesmo seguindo o conceito original do que é o ex-voto podemos notar muitos “pedidos” no Bomfim. São objetos que antecedem aos pagamentos das promessas. Cartões de identificação de vestibulandos são bons exemplos. Há cartões com datas ainda a serem cumpridas pelo tempo, mas já com pequenos bilhetes – ou não – pedindo a aprovação no vestibular. As fitinhas do Bomfim, como outro exemplo, vão mais além. Elas além de uso corporal, são depositadas, enlaçadas, nas cruces do museu e da “Sala de Milagres” acompanhadas de oração e pedidos para um simples “bom dia” ou “Feliz ano novo”.

Os ex-votos do Bomfim podem ser vistos em duas etapas. Na sala de milagres, situada no corredor ao lado direito da nave única da igreja, e no Museu dos Ex-votos, que ocupa parte superior, no presbitério, cujas escadas se iniciam na sala de milagres. No Museu (Fig.2) estão os ex-votos considerados “especiais”, aqueles que ganham destaque durante os tempos ou aqueles “ofertados” por devotos ilustres da cidade. Um dos destaques é o ex-voto do escravo Amaro, feito por Manuel do Bomfim, em 1868. A estatueta é toda de cedro e mede 50 cm, está na segunda sala do museu. Outro destaque é o imenso órgão musical, de 1854. A quantidade também parece infinita, porém, como se trata de um museu, o acervo possui menos volume do que a sala de milagres, que cotidianamente ganha objetos. Então o espaço museográfico traz ex-votos pictóricos dos tempos dos riscadores de milagres, os tradicionais ex-votos escultóricos e centenas de pequenos ex-votos de prata e prata dourada. Podemos ver também ex-votos de pessoas hoje famosas, como jogadores de futebol, a exemplo da camisa do Vasco da Gama, colocada na sala de milagres pelo jogador Edmundo, em 1997.



Fig. 2 Detalhe do Museu dos Ex-votos  
Foto: Natália Marques da Silva, abril de 2009  
UCF Art History & Research

Hoje a tipologia dos ex-votos da sala de milagres do Bomfim parece ser infinita. A variedade percebida mostra bilhetes, cartas e cartões, berimbau, estatuetas, fitas, cabelos, fotocópias variadas, fotografias, diplomas, desenhos, quadros pintados, cruzeiros, radiografias, esculturas de madeira e de cera, chaves, ataduras, *botons*, extratos bancários, quepe de soldado, capacete de operário, carteira estudantil, colares, insígnias, sapato, requisição (acompanhada do resultado do exame), carteira de cédulas, caixa de remédio, vestimenta (variadas), cédulas e moedas, terços, mobiliário, órgão musical, relógio, prataria, figas, chaves, espadas em miniatura, tesoura, argolas, pedras, instrumentos musicais, murais de fotografias e reportagens, taças, cálices, lápides, livros, discos, olhos de vidro, marca-passo, vasos de louça e porcelana, dissertação de tese, convites de formandos, castiçais, becas... (Fig. 3)

Nota-se a diminuição dos quadros pintados pelos “riscadores de milagres”, devido ao próprio tempo. A marca da evolução da história econômica é clara. Hoje, concluímos que a fotografia veio sobrepor à pintura. Há uma infinidade de fotos 3X4, pôsteres e 9X12. E nesse processo da apresentação da imagem já se pode notar DVDs, CDs e VHS, cujos temas principais trazem casamentos e aniversários de crianças. O uso de murais de fotografias, 3X4 e 9X12 é a principal alternativa para enaltecer um processo de graça.

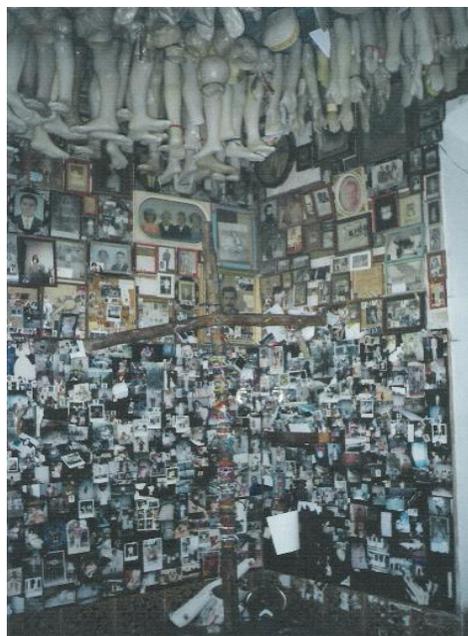


Fig. 3. Aspecto da sala de milagres

Os ex-votos de parafina não vão para o museu, ficam, portanto, restritos à “Sala de Milagres”. Após algum tempo expostos eles são doados às Obras Assistenciais Irmã Dulce, onde são levados para uma oficina que os derrete e os tornam velas para venda.

Já os quadros, hoje em número bastante reduzido, e com tendência a diminuir, são levados, após seleção, para o museu. O critério usado, então, é para aqueles de maior teor da história e de expressão artística mais bem acabada. No museu há quadros ainda do século XIX, como o milagre descrito por Jacinto Pereira, em 1843. E num confronto temporal, a imagem de uma tomografia, que ilustra a evolução da imagem ex-votiva. (Figuras 4 e 5)



Fig. 4. Ex-voto tradicional pictórico  
séc. XIX, no museu.

Foto: Natália Marques da Silva,  
abril de 2009  
UCF Art History & Research

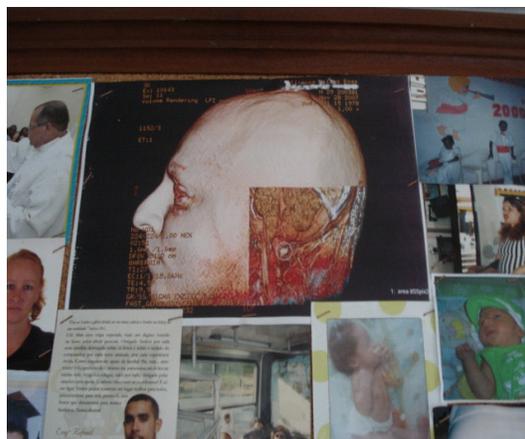


Fig. 5. Exemplo de nova configuração, na sala de milagres  
Foto: Silvia Regina Santana. Projeto Ex-votos do Brasil. 2008

Expostos em vitrines, estão os objetos de valor e de doações, principalmente moedas, relógios, medalhas e os pequenos milagres de prata e prata dourada. Cédulas estrangeiras e nacionais; livros de fundações brasileiras; terços com medalhas de ouro; e duas versões do hino ao Senhor do Bomfim. Um dos ex-votos mais curiosos é uma moeda de 50 centavos, amassada, com os seguintes dizeres: “Milagres que fez o Senhor do Bomfim quando uma bala resvalou nesta moeda que eu trazia no bolso da camisa”.

Para a direção do museu a divisão entre sala de milagres e museus está no valor do acervo. De fato. As peças mais antigas estão no museu. Bem como os de maior valor. Outro detalhe é a questão da segurança e de referência religiosa entre o homem e o ex-voto. A “sala de Milagres” é aberta ao público eromeiros sem imposição de pagamento, o que não acontece com o museu, que cobra uma pequena taxa.

É na “Sala de Milagres” que os ex-votos são “depositados” nos atos da desobriga. No museu também são depositados, mas com método que difere. As famosas fitinhas e retratos que chamam a atenção do público, como também peças que são usadas em missas celebradas pelo arcebispo, são colocadas no museu, mas após uma “filtragem” do que é “depositado” na sala. O museu possui uma área bem maior: são duas salas que acomodam na primeira entrada vestimentas e mobiliário, além de uma diversidade de objetos ofertados; na segunda, as vitrines e objetos de grande valor.

Vêm-se, então, a divisão por objetos, o seu valor, a idade e a sua dimensão. Há, certamente, similaridade entre objetos, como é o caso das fotografias (grandes e pequenas).

A questão da vinculação tem aspectos na origem e desenvolvimento. A primeira diz respeito à criação do museu. Ela se deu a partir da acumulação de ex-votos na

“Sala de Milagres”, exceto os grandes objetos de promessas e ofertas. O museu nasce a partir da “Sala de Milagres”. O segundo aspecto refere-se à transladação do ex-voto. Ainda hoje muitos ex-votos são enviados ao museu quando se nota maior atratividade e valor.

Fica evidenciada uma divisão através do valor e expressividade dos objetos. E uma vinculação onde acontece o processo ex-voto-sala de milagres-museu. Assim sendo, a “sala de Milagres” tem um caráter mais que expositivo. Nela o peregrino reza e até ascende velas (contrário aos princípios da administração), deposita o ex-voto e observa todo o acervo. É como um museu não-tradicional, dinâmico e produtivo, com mais novidades, onde a ficha de identificação é desnecessária à observação pública, pois a maioria dos ex-votos é acompanhada pelas palavras do próprio pagador da promessa.

Com relação ao público, nota-se, baseado no conceito de museu, maior importância dada ao espaço museológico. Ele é um “deslumbre”; propõe uma imponência e chega a ser algo dantesco em relação aos olhares do público. Isso se deve a funcionalidade e à tradição museística da instituição museu, conquistada no mundo da história da arte, da história e de outras ciências com notoriedade desde o século XIX após os gabinetes de curiosidade. Além desses fatores, o museu fecha em um período maior de tempo durante o dia, o que faz com que haja uma apreensiva expectativa por parte dos visitantes.

Porém, do ponto de vista da prática religiosa, a “Sala de Milagres” possui muito mais ou completa atividade. Nela, o sentido da fé, da prática religiosa que engloba as rezas e manifestações (artísticas e místicas), se desenvolvem com mais liberdade e num *modus continuum*. Evidente que de maneira geral é a religiosidade que proporciona o museu, diversificando o seu acervo e tornando-o mais leve em relação às pesadas peças dos séculos XIX e XX ofertadas pelas famílias tradicionais.

A “Sala de Milagres” não é museu. Tem todo um potencial para sê-lo. Ela é mais dinâmica, tanto do ponto de vista exposicional, quanto da circulação das pessoas, possibilitando maior liberdade em ver, perceber e expor.

A “Sala de Milagres” conduz o público ao museu direta e indiretamente. No primeiro, ela é via e caminho para a porta do museu, é também uma prévia do acervo do museu. No segundo, ela conduz o próprio objeto ao museu, aumentando o seu acervo.

Porém, os ex-votos e a sala de milagres não precisam das etiquetas, das *plotagens*, das vitrines, do circuito pré-estabelecido e de uma linguagem científica, acadêmica, metodologicamente criada para o processo de tombamento dos objetos que são expostos ao público.

A sala de milagres é criada pelo povo, não pelo cientista da museologia ou história. Ela é disposta a partir das contrições, das desobrigas, do movimento dos romeiros e peregrinos que se dirigem para “depositarem” os seus bilhetes, cartas, estatuetas, esculturas e outros muitos objetos que se variam a cada dia.

Esse espaço, do povo, não precisa da ficha de localização e muito menos das etiquetas, pois essas são colocadas intrinsecamente no objeto, onde a informação é partícipe da imagem ou texto próprio do ex-voto criado pelo cidadão comum, que numa linguagem mais acadêmica pode ser entendida como uma ação folkcomunicação. (BELTRÃO, 2004)

O museu, criado em 1975, serviu à igreja como marco da conservação dos símbolos da fé religiosa. Isso é de fundamental importância para qualquer religião que procura sua difusão. A sala de milagres é mais antiga, remonta ao final do século XVIII, e também tem a sua importância para a conservação da fé, mas com certa diferença do museu. Ela mostra a tradição com maior frequência e velocidade; já o museu, que dependente da sala, possui uma velocidade do processamento da informação dos ex-votos – e conseqüentemente da fé – mais lenta, e num corpo documental religioso carente devido à ausência de um sistema de documentação mais eficaz e contemporâneo.

Seja como for, museu e sala de milagres são responsáveis pelas histórias de fé que movem o mundo dos ex-votos, da religião do povo e da linda página que a crença católica lega ao patrimônio cultural, a dos testemunhos das “graças pedidas” e das graças alcançadas.

## Referências

Beltrão, Luiz (2004), *Folkcomunicação: Teoria e Metodologia*. São Bernardo do Campo: UMESP.

Barros, Souza (1989), *Arte, Folclore e Subdesenvolvimento*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Carvalho, Carlos Alberto de (1914), *Tradição e Milagres do Bomfim*. Salvador: Typografia Baiana.

Carvalho Filho, José e. Freire de (1923), *A devoção do Senhor do Bomfim e sua História*. Salvador: Typografia de São Francisco.

Duby, George (1979), “História Social e Ideologias das Sociedades”. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. *História: novos problemas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, p. 130 -145.

Oliveira, José Cláudio Alves de (2004), *Museus digitais e cibermuseus: sistema, objeto e informação dos bancos de dados iconográficos: problemas e perspectivas da pesquisa científica no ciberespaço*. Salvador: FACOM-UFBA, 640 p. il. Vol. I, II (Tese de Doutorado)

\_\_\_\_\_. “A devoção popular e a riqueza ex-votiva nas salas de milagres dos santuários brasileiros”. Trabalho apresentado no *III Simpósio Internacional sobre Religiosidades, Diálogos Culturais e Híbridismo*. Campo Grande, MS, Abril de 2009. Disponível em: <http://www.simposioreligioes.ufms.br/simpaprov.php>. Acesso em 29/06/2009

\_\_\_\_\_. “Das salas de milagres ao Museu Digital: Os Ex-votos como mídia folkcomunicação”. Trabalho apresentado no *XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste*, na Divisão Temática de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Teresina, PI, maio de 2009. Disponível em <http://www.intercom.org.br/congresso/regionais/2009/nordeste/>. Acesso em 29/06/2009

SILVA, Maria Augusta Machado da (1981), *Ex-votos e Orantes no Brasil*. Rio de Janeiro: MHN-MEC.

Valladares, Clarival do Prado (1970), *Riscadores de Milagres: Um Estudo de Arte genuína*. Rio de Janeiro: Superintendência de Difusão Cultural SED-BA.